

Ocupar como um ato político, entrevista com Leonardo Péricles

Ana Bárbara Gomes Pereira

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Contato:

anabarbaragomes-pereira@gmail.com

Thiago Cordeiro Almeida

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Contato:

thiagocordalmeida@gmail.com

Resumo: Ocupar como ato político. Ocupar como um potencializador das lutas urbanas. Ocupar para reivindicar. O nosso "Dossiê Ocupações" está com grande diversidade de abordagens e reflexões. Entre os temas tratados nos artigos dessa edição, contamos com ocupações escolares, ocupações artístico-políticas de espaços públicos e ocupações urbanas. Sobre este último tema, tivemos o prazer de ir à Ocupação urbana Carolina Maria de Jesus para conversar com Leonardo Péricles, coordenador do Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), integrante do Movimento Unidade Popular (UP) e morador da Ocupação Eliana Silva.

Três Pontos: *Boa noite Leonardo, desde já agradecemos por ter nos recebido na Ocupação Carolina Maria de Jesus para essa entrevista. Então, queria começar a entrevista querendo saber um pouco de como foi sua trajetória nos movimentos sociais e como chegou até à luta por moradia?*

Leonardo Péricles: Então, eu comecei a militância há 18 anos atrás, pouco mais de 18 anos. Eu comecei no movimento estudantil, a gente chama de movimento estudantil secundarista, é a turma do ensino fundamental, médio. Eu estudava numa escola que tinha bolsa, eu pagava uma mensalidade na escola particular, mas era uma mensalidade bem curtinha, tinha 90% de bolsa e ainda era o governo de FHC; e teve uma mudança da "Lei da Filantropia". Antes de existir esse negócio de ProUni, existia uma lei que era um negócio meio que "lei de filantropia". Um (escolas) faziam, outras não faziam, davam bolsa e outras não davam, critérios totalmente aleatórios. Lembro que o FHC mexeu nessa lei e a escola alegou que não teria mais a isenção de impostos como tinha antes e aí tinha que igualar as mensalidades, aí 90% do turno ou mais ia sair porque não teria dinheiro para pagar. Tinha um cara do movimento estudantil que pertencia ao UJR nessa época, e ele organizou uma turma para poder fazer uma resistência na escola. Foi um negócio muito interessante, nunca tinha participado e fui na onda com os amigos e quando vi eu me apaixonei: "poxa, esse negócio de lutar coletivamente, lutar organizadamente, existe mesmo?". Eu lembro que a luta foi vitoriosa: era uma escola católica, conservadora, nunca tinha tido um negócio desse lá, tanto venceu que a escola anunciou, dois dias depois dos atos, que não teria aumento enquanto houvesse estudante do turno noturno; e foi assim, mais 4 anos sem um centavo de aumento. E acaba que dos amigos que me chamaram, todos desistiram; só eu que continuei e esse amigo meu que já era no UJR acabou morrendo em 2001 num acidente que teve no Rio, uma tragédia. Aí eu entrei nesse movimento (UJR) e fui me dedicando. Eu fui pro movimento estudantil secundarista, fui organizar o movimento estudantil e tive a oportunidade de ajudar na fundação de uma entidade que existe até hoje que chama AMES (Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas). Eu fui o primeiro presidente desta entidade, de 2002 a 2004. Nesse período a gente inaugurou as lutas aqui em Belo Horizonte pelo "meio passe", porque era a única capital que não tinha nada e hoje tem. E tem porque a gente começou a fazer essas lutas. Junto com isso, coisas que não aconteciam há muitos anos voltaram a acontecer:

manifestações. A gente começou a organizar as escolas, organizar grêmios em muitas escolas: Estadual Central, Marconi, Imãcula e várias outras. Começaram muitas manifestações combativas, numa época em que havia um movimento de refluxo dos movimentos sociais em geral, não tinha basicamente nada. Não era como hoje, com escolas ocupadas, prédios e tudo mais, era outro período. A gente ficou alguns anos intensamente lutando por essa pauta, começamos a espremer o prefeito, câmara, ocupamos a Câmara dos Vereadores, saiu em rede nacional, trancamos via, enfrentamos polícia, fomos presos (eu fui preso nesse processo umas duas ou três vezes) e eu lembro que em 2011 (eu já estava na universidade) foi aprovado o meio passe: bem limitado, bem diferente do que queríamos, mas pelo menos tem. Isso foi um avanço, uma coisa concreta que vi em minha vida que aconteceu porque tinha pressão da civilização, luta.

Fui à universidade, entrei em 2006, e entrei mais para organizar o movimento do que realmente para estudar. Nunca gostei muito da universidade, mas incentivei todo mundo a ir, incentivei toda essa ocupação para ir à universidade, eu só não acho que é para mim. Entrei em Biblioteconomia e fiquei até 2009/2010. Inclusive eu sofri um processo cabuloso na UFMG. Eu entrei pra organizar movimento mesmo, minha vida é isso: entrei e já fui pro D.A e a primeira luta que a gente teve foi acabar com a "taxa" porque era obrigado a pagar taxa na UFMG. A gente já entrou com uma ação declaratória e os advogados romperam: ninguém da ECI precisava mais pagar. E outras universidades começaram a entrar com processo para não precisar pagar mais. Depois disso, teve um aumento do "bandejão". Foi o período em que começava o ReUni, e começou aquelas filas quilométricas, começou a virar um caos: ou você comia ou estudava. A gente organizou e ocupou o "bandejão": ficou uns quatro dias duas mil, três mil pessoas (não sei mensurar quantas) e ocupamos o "bandejão" pulando a roleta, ficou conhecido na universidade como "movimento pula catraca". Algum tempo depois, a Reitoria abriu um processo administrativo contra os estudantes que ocuparam o "bandejão", era a vice-reitora, que comandou isso e o reitor¹. Foi um negócio absurdo: eles tiraram foto dos dias em que estavam acontecendo os "pulões", organizaram o processo, intimaram centenas de estudantes para darem depoimento, foi um negócio "à la ditadura". Isso consta nos autos, está lá na universidade. Uma pessoa que inclusive lutou contra a ditadura, como abre um processo desses contra os estudantes? E ela ameaçou assim: "se você não entregar quem orga-

10 Os nomes dos envolvidos foram omitidos como forma de resguardar a Revista de qualquer processo.

nizou isso, é problema para você”, o que foi afunilando até chegar em sete ou nove estudantes processados, responsabilizados, como se fosse crime o que a gente fez por ter “invadido” o bandeirão. Nesse período eu já tinha sido diretor da UBES quando era secundarista e virei diretor da UNE, fui ao congresso da UNE de 2009 e me tornei diretor. Ser diretor da UNE é um negócio muito doido: geralmente quem é tranca a matrícula durante um período, principalmente pela responsabilidade que eu tinha: eu era “diretor de universidades públicas”. Fui para trancar matrícula e me impediram porque eu sofri o processo administrativo eneste momento tive que escolher e continuei com o movimento. Fui jubilado, mas na prática, considero que fui expulso da universidade, pois não me deram o direito de trancamento. Um negócio absurdo, que não considerava quem fazia movimento estudantil, porque acho que isso tinha que ser algo que a universidade considerasse como hora extra e créditos, pois isso é importantíssimo para o Brasil: a UFMG só é pública até hoje porque tem movimento estudantil histórico que não deixou privatizar, se dependesse dos neoliberais não existiria universidade pública mais não. Então, é um negócio muito importante para a sociedade, é uma escola de vida, muito do que eu faço hoje é por causa dos movimentos, eu recomendo todo mundo, “façam, pelo menos um pouco”. Dizem que quem é de movimento social não estuda, pelo contrário, estuda mais ainda, porque vai fazer o movimento e ainda ir para a sala de aula, é algo muito mais complexo. E outra que eu sou de periferia, então era muito difícil para mim, que morava em Contagem e era muito distante; chegou até um período que eu consegui a moradia, só que eu não me adaptei também porque isso de morar sozinho não era para mim. Então, eu não me encontrei dentro da universidade, eu não via lógica em continuar. Sempre insisto que não estou falando contra a universidade, contra a academia; tenho muitas críticas, mas acho que temos que ocupar aquele espaço, negros e negras principalmente e as periferias também.

Como eu entro nesse movimento de moradia? O MLB existe desde 1999, é nacional, nasceu principalmente em Minas e em Pernambuco que já tinham ocupação e da ocupação que surge o movimento. Por exemplo, aqui em Minas, a ocupação da “Vila Corumbiara” foi uma ocupação na década de 90, no Barreiro, que foi uma ocupação histórica. Por quê? Porque ela inaugura um processo de luta por moradia em Belo Horizonte. Em que sentido? Quando o PT chega à administração (em 92, se não me falha) e inicia a gestão do Patrus – era outro PT, não era esse PT de hoje não, e eu não sou “antipetista” não, acho que ele sofreu um processo de transformação que se distancia dos objetivos da esquerda. Falo isso porque nessas gestões, eram gestões avançadas. O Patrus em Belo Horizonte passa por uma política habitacional organizada, importante, passam a ter núcleos de moradia, gente do movimento influenciando na política habitacional direta, começaram construções de moradia, criou-se uma política. Coisa que não tinha antes passou a ter, foi um processo muito importante. Qual foi o problema? Parte dos movimentos não entenderam os direitos de influenciar e as lideranças foram todas para dentro do governo, abandonando as ocupações e

então, com o passar do tempo, ocupação passou a ser criminalizada pelos próprios petistas, “pois agora tem política”. Só que tinha uma política que, embora fosse importante, quais eram os grandes problemas dessas políticas habitacionais históricas aqui no Brasil? Elas nunca deram conta da demanda toda. Então, se ela não dá conta da demanda toda, ocupar é direito, é legítimo, porque sua família está na fila, não tem para onde ir. Quem luta para não ter mais ocupação? Os movimentos legítimos de ocupação. Nós é que lutamos para não ter mais ocupação, ter moradia para todo mundo, que aí não faz sentido, ocupar para quê? Passar lona, enfrentar polícia... eu não faria isso. E aqui em BH começou isso, a “Vila Corumbiara” e outras ocuparam, em março de 1996, na gestão do Patrus, no terreno abandonado do Barreiro. Quatrocentas famílias ocuparam e falaram “nós precisamos!” e aí o “pau quebrou” mesmo. Foram cercados, cada dia um batalhão de choque, um monte de gente armada com facão e foice, um negócio extremamente tenso da história que não se conta. Geralmente tem de um lado o choque e do outro lado o povo, e ia morrer gente. Eles ficaram cercados vários dias, bebendo água do córrego, pessoas passaram mal, mas não saíram. Nisso, se mobilizou uma rede imensa de solidariedade, inclusive da UFMG, de várias áreas que foram ajudar e essas famílias venceram e iniciou um processo importantíssimo de uma ocupação inteira, que começou na lona, e se tornou um bairro. Você vai lá na Vila Corumbiara hoje e ela tem até título de posse. Como? Com o movimento ocupando, fazendo luta. Eu aprendi, porque eu tive a oportunidade de ainda no movimento estudantil secundarista conhecer a Vila Corumbiara, era uma referência. Eu ia lá ajudar, fazer festa. Aí eu tive a oportunidade de conhecer uma mulher que se chamava Eliana Silva, que dá nome a uma das ocupações do movimento. Por quê? Porque ela é uma referência, mais da metade das coisas que eu aprendi foram com essa mulher. Ela era a principal liderança do MLB, ou uma das principais lideranças, pois tinha também o marido dela.

TP: *Ela ainda é viva?*

LP: Não, ela morreu em 2009, vítima de um câncer de mama. Isso foi um baque no movimento. E o movimento se desorganizou muito em 2009, 2010, 2011. Em 2011 eu fui chamado se queria atuar no MLB. Aí foi isso, sair de tudo que eu fazia antes, largar tudo. Juntei a fome com a vontade de comer, porque eu já não tinha casa também, morava de favor com minha mãe, e cá pra dentro. Era um negócio que era pra ser momentâneo e cá estou eu, de 2011 até hoje no movimento de moradia. Eu vou [em 2011] para ajudar a reorganizar o MLB em Minas Gerais, a gente começou lá na área da Vila Corumbiara, encontramos outros companheiros que estavam meio soltos, preparamos nove meses e fizemos a Ocupação Eliana Silva no Barreiro em 2012. Essa é a marca do processo de reorganização do movimento aqui [em MG]: uma coisa é o MLB antes da Eliana Silva e outra é depois da Eliana Silva. Dali pra frente a gente começa a ser um dos principais movimentos de luta por moradia do Estado e ajudar ao MLB a ser um dos principais no país também. Tem outros com mais expressão que nós, tem, por exemplo, o MTST, mas nós somos um dos que estão aí, que faz ocupação em várias partes do

país. Enfim, não se vendeu ou se vinculou às gestões, mesmo à do PT que tinha cargo a oferecer. Inclusive, participamos da “institucionalidade” quando se deve, fazemos parte do conselho nacional das cidades. Nos lugares em que a gente tem condições de participar das políticas habitacionais municipais e estaduais, a gente vai, mas entendendo que ali é um pedacinho pequenininho e o principal é a luta.

Pra nós, pro MLB, ocupação urbana, ocupação de terreno, ocupação de prédio está para o movimento de moradia como a greve está para o movimento sindical, movimento dos trabalhadores. É basicamente isso. Pelo pouco que entendo, sindicato de verdade faz greve, se ele não fizer, ele caminha pra conciliar com o patrão e vira “pelego”, que é o nome. Movimento de moradia que não faz ocupação estaria nesse mesmo sentido, considerando a especulação imobiliária, que gera a impossibilidade de resolver o problema, porque não vai resolver. Nós vamos derrotar esses latifúndios como? Olha isso aqui [mostrando as estruturas da sala onde se realizava a entrevista e também ocupação em ótimo estado], essa estrutura estava abandonada, sem cumprir função social nenhuma. Tem 200 famílias aqui dentro. Se você não ocupa, esse pessoal estaria onde agora? Então é isso, se não fizer, você vai estar contribuindo para o inimigo; é manter as coisas como estão.

Um pouco da minha trajetória no movimento é isso, contando que desde 2015 para cá eu também participo de uma articulação com outros movimentos do país para articular um partido chamado Unidade Popular (UP), que você já deve ter visto alguma coisa. Estamos coletando as assinaturas – algo extremamente complexo de montar no Brasil, ainda mais quando é partido de pobre, pois estamos montando sem dinheiro de Odebrecht e etc. Queremos combater isso aí, queremos fazer uma composição autônoma. É um negócio extremamente complexo, pois falta dinheiro, falta recurso, falta tudo. Você é obrigado a fazer num prazo de dois anos. Algo extremamente antidemocrático, que é feito para não ter mais partidos.

TP: *E falando mais sobre ocupação, como é a construção diária de uma ocupação? Os maiores desafios, as demandas, a conversa com o Estado, as lutas pelos direitos diários (luz, água, etc.), como são essas dinâmicas?*

LP: Cada ocupação tem suas particularidades, uma linha geral do movimento se aplica do sul do país até o norte e tem as especificidades. Então, até dentro de uma cidade igual a Belo Horizonte você terá especificidades diferentes de ocupações e de tipos de ocupação. Exemplo, aqui, quando entramos nesse prédio já tinha água, luz, inclusive as lâmpadas, ligação elétrica, cozinha, muitos banheiros (embora a parte hidráulica seja horrível), uma certa segurança e uma localização maravilhosa (Afonso Pena com Savassi). Morar nessa área é só alegria, ao lado da área hospitalar, do parque, do centro, dos ônibus para todos os lados; acho que esse negócio de morar no centro é uma política f... Esse negócio de morar no Centro é um negócio que se os pobres souberem disso, botarão para quebrar, o caminho é esse, a infraestrutura está aqui. Isso é um favor para o Governo, pois eles não vão precisar de

ônibus, de asfalto, de nada. Então têm muitas realidades diferentes. A [Ocupação] Eliana Silva, que é onde eu moro, viveu um processo muito cabuloso, porque foi tudo conquistado por luta. Por exemplo: para conseguir água, desde o início foi “gato”: “gato” para água, “gato” para energia. Só não permitíamos fazer ligação nas tendas de outros. Por quê? Porque é medida de proteção para não pegar fogo. Igual aqui [Ocupação Carolina Maria de Jesus], a gente não permite botijão de gás individual e se insistir a família pode até ser expulsa, pois vai colocar em risco a vida de outras pessoas, não tem outro jeito. Guerra é assim, você não tem muita democracia, não vamos discutir, vai morrer gente e tem que ser assim. Então, a gente viveu uma situação muito complexa para conseguir água lá, com pressão para cortar o tempo todo, mas a gente nunca deixou. Nosso movimento tem uma característica: a combatividade e não temos medo de lutar. Até fazemos parte de uma frente que chama “Povo Sem Medo” e uma das coisas que gostamos é o nome. Movimento com medo de lutar não é movimento, inclusive temos que nos preparar para ter condição de lutar sem medo, entendendo que a luta é coletiva, sozinhos não valemos de nada. E só pra você saber como a gente conquistou a água oficialmente: sequestrando o caminhão da Copasa. Nós ficamos quase quatro anos no “gato” e cansamos, chegou uma vez que faltou dez dias de água e fizemos uma pressão, ocupamos a Estação Diamante [estação de ônibus] e o Ministério Público entrou com ação contra a COPASA. Ela perdeu e foi condenada a pagar R\$ 10.000 por dia de multa se não nos fornecesse água. Como a COPASA foi fornecer água? Caminhão pipa. Eles iam uma vez por semana e não enchia nem uma caixa d’água. Mais uma vez, meses depois, faltou água de novo, oito ou nove dias, quase metade da ocupação ficou sem água. Aí chegou o caminhão dentro da ocupação, conversamos um com o outro, olhamos o caminhão dentro da ocupação e é isso aí: chegamos para o motorista e dissemos “desce aí que o caminhão não vai sair não”. Tratamos o motorista bem, demos água, café, almoço, etc. Falamos que o caminhão não ia sair, que ligasse para o seu patrão e falasse que o pessoal disse que não ia sair e acabou. Ligamos para a COPASA e dissemos que não ia sair mesmo, ameaçaram chamar a polícia e dissemos “chame que nós vamos meter fogo no caminhão, é isso”. Foi assim, tensão. Com toda essa luta do meio-passe aprendi também que não tem conversa, tem que chegar na mesa e dizer “vão fazer, vocês têm que fazer”; inclusive quando você sabe do seu direito, desculpe o termo, f...-se. Fizemos assim: sequestramos o caminhão e falamos que só saia quando ligassem a água. Depois de um dia inteiro de tensão, um superintendente da COPASA ligou para mim e falou “Léo, libera o caminhão aí. Amanhã eu estou indo aí e nós vamos ligar a água”. No outro dia de manhã ele foi lá, foi uma das maiores assembleias que já fizemos na região; foi gente das ocupações do lado – porque lá é um vale que têm sete ocupações – e ele falou para o povo todo que faria. Passou um mês e meio de preparação, a COPASA começou a entrar com os canos e ligaram a água, o esgoto. Inclusive eles dizem que os pobres destroem o meio ambiente: nós ficamos uns três anos usando esgoto alternativo ecológico chamado “TEVAP”, um esgoto de bananeira que

impede o contato do esgoto com o solo e desse jeito a gente não matou a nascente que tem na ocupação, preservamos ela até a COPASA chegar. Energia, para conseguir, tivemos que ocupar a CEMIG e aí ela colocou os postes e ligou, só que ainda faltava iluminação pública. Ocupamos a câmara e conquistamos a iluminação pública. A [ocupação] Eliana Silva foi a primeira, havia mais de uma década que não existia esse tipo de coisa –que é a Prefeitura, em obras do Estado, organizar uma ocupação. A última ocupação a ter sofrido um processo desse foi há uma década. Quando a gente teve essas conquistas abrimos processo para as outras terem, por exemplo a [ocupação] Camilo Torres, [ocupação] Dandara; enfim, abrimos brecha para outras ocupações serem regularizadas, porque não existe justificativa legal para dizerem que você não vai ter água e luz. Até as convenções de guerra garantem: vai para outro país, água e luz nos acampamentos são garantidas.

O centro sempre foi o enfrentamento, luta, para chegar ao que queremos. E ainda tem mais a caminhar.

TP: *E o que o ato político de ocupar tem a nos ensinar sobre democracia, sobre autogestão (construção coletiva) e nos ajudar neste momento a lidar com essa crise democrática?*

LP: As ocupações conseguem dar vários exemplos importantes para nós, inclusive do que significa real democracia. Igual eu falei, não dá pra ser muito democrático em algumas horas e não dá mesmo. Em meio a uma guerra, você não tem muito de “podemos ou não enfrentar polícia?”, não tem jeito; “o cara quer cortar energia e eu não quero ir lá enfrentar”, sim, então não esteja aqui, temos que enfrentar senão, não vamos estar aqui. As famílias entram no processo e a gente explica: é tenso, você não está vindo para a “Disneylândia” não, você está num processo em que terá que lutar, você é obrigado a fazer isso – então começa aí. Depois disso, tem vários processos interessantes, como as decisões coletivas. É claro que há operacionalizações do dia-a-dia que são tomadas por alguns, mas todas as decisões mais sérias são aprovadas em assembleia, exemplo: a [ocupação] Carolina Maria de Jesus está em processo de negociação, existe a possibilidade da gente sair daqui e ir para outro prédio, todas as propostas foram construídas com os moradores e a proposta final foi aprovada em assembleia esses dias, decidida coletivamente. Precisamos das pessoas participando para lutarem com a gente, porque se ela não se sentir parte do processo ela não vai lutar. O que é um pouco do que a gente vê nessa falsa democracia que a gente vive: o que a gente decide? Só o voto, pois o resto... Orçamento não é a gente que decide, o que é prioridade não é a gente que decide. As ocupações nos ensinam isso, nos ensinam que as pessoas têm que participar, então qual é a obrigação aqui dentro: tem que participar, tem que ir à assembleia, tem que dar a opinião dele. Se não quiser falar, tudo bem, mas a gente insiste, pois precisamos saber; a gente é educado nessa sociedade a não falar e as ocupações vêm nos mostrando outro caminho.

As ocupações têm outro exemplo importante: segurança pública. Os índices de violências nas ocupações urbanas são pequenos comparados com a sociedade

em geral e eles vão aumentando, proporcionalmente, quando vai diminuindo o grau de organização coletiva dessas comunidades enquanto elas mantêm assembleias, decisões por rua – como a MLB faz: forma conselhos da ocupação composto de representantes por rua. Quando se mantém esse básico de organização, os índices de violência são muito baixos. Eu vi isso acontecer em muitos lugares, a [ocupação] Izidoro é um exemplo disso. As coisas erradas existem, vão existir, mas será com muito mais dificuldade, pois elas vão bater de frente com uma organização social fechada.

E com muito pouco recurso você consegue fazer muita coisa se o trabalho é coletivo. Por exemplo, na [ocupação] Eliana Silva a gente tem uma creche que funciona sem nenhum centavo do poder público, são seis anos de ocupação e quatro anos da creche funcionando ininterruptamente. Funciona como? Pais, mães e comunidade ajudando, padrinhos e madrinhas que vêm de fora; e ajuda da igreja, principalmente a Igreja Católica, com financiamento de projetos e financiamento coletivo, que já fizemos. Mas se olhar o quanto já gastamos comparado com o que o poder público gastaria, é muito diferente. Então, essas instituições [se referindo ao poder público] são muito mal organizadas, porque são administradas por quem não pisa no barro. E o esforço que o MLB faz é que essas pessoas que vêm da periferia, de baixa renda, que nem passaram na universidade, que elas se esforcem para mandar, mas não é mandar no outro não, é mandar de exercer poder, a gente chama isso de “poder popular”, exercer direção das coisas, não ser educado, quebrar essa ótica de “sim, senhor”. É muito difícil, nós estamos num sistema capitalista, a influência do sistema é infinitamente maior que o movimento, então, a tendência é que as ocupações reduzam seus graus de organização e que com o tempo a influência dessa cidade capitalista seja maior que a do movimento, mas a gente trabalha para minimizar o máximo disso.

“A gente defende essa concepção pós-moderna que está aí, do lugar de fala?” Não, sou contra isso. Quem veio de fora também pode. Inclusive, sem os elementos de fora, nunca as classes trabalhadores conseguiriam se libertar, porque a consciência histórica vem de fora. As possibilidades de libertação vieram de fora, com a concepção de ganhar aqueles de dentro com o objetivo que precisam se libertar, isso é legítimo. É essa um pouco da concepção que a gente tem. Eu, por exemplo, não vim do movimento sem teto não, vim do movimento estudantil e ajudei com as concepções que eu tive de outros lugares para desenvolver o trabalho. Se fosse essa ideia de que só quem está lá é que pode fazer, eu não tinha nem entrado. Por isso que eu não acredito nesse negócio de lugar de fala. Fidel Castro não era camponês, pobre, nem nada; inclusive, a primeira terra a ser expropriada na reforma agrária, em Cuba, foi a terra da família dele. Marx e Engels não vieram de família pobre, inclusive Engels era filho de industriais e foram os pais do processo de libertação histórico que foi o marxismo. Então, não acredito que tenha esse negócio de lugar de fala não, acho que depende da decisão de quem está aí desenvolvendo o trabalho, sem nunca menosprezar a inteligência de quem está ali. Está na moda falar de

“empoderamento”, eu não gosto muito dessa palavra não, mas você tem que dar poder a essas pessoas para elas decidirem, para elas fazerem, para elas verem que elas podem, porque o sistema trabalha o tempo todo para te jogar para baixo. Nós, negras e negros, nesse contexto, isso é importantíssimo para nós, pois a maioria da população é quem? É de que cor? E vai para uma ocupação... Aí pensa no quilombo lá atrás e pensa hoje... Esses desalojados têm cor, classe social, renda e, geralmente, estão nos serviços mais precários da sociedade, por isso mesmo não têm casa. E essa turma toda, as mulheres, principalmente, são educadas a abaixar a cabeça; uma das coisas do processo de libertação nosso é mostrar que a gente pode dirigir, que a gente tem capacidade, que a gente consegue. Quais foram os processos encucados na cabeça de nós, negros? É que somos inferiores, que não conseguimos, que a gente “caga na entrada e caga na saída”, que não temos condição, que não damos conta, que a gente está destinado a trabalhar e pronto. Esse sentimento é muito forte na cabeça das pessoas até hoje, século XXI, 130 anos depois da abolição formal. Então, alguém tem que trabalhar isso, nosso movimento faz um trabalho bem pequeno e é preciso fazer mais.

TP: *Com todo esse fervor, contando um pouco sobre essa temática da volta histórica de luta por igualdade racial que a gente tem e nesse contexto político que foi falado sobre o nosso país: quais são algumas perspectivas e percepções que você tem para o Brasil em um futuro (próximo ou longo) diante dessa luta, tanto por direito à moradia quanto por educação, saúde, igualdade racial e igualdade de gênero?*

LP: Saímos da moradia e vamos para algo mais macro... Quem dera tivéssemos a solução para o que acontece no Brasil... Não temos, infelizmente [risos]. Mas eu acredito muito, até por ser marxista – a base do que falo é nessa cosmovisão – a gente acredita muito que se a classe trabalhadora, os pobres e conjunto dos explorados e oprimidos deste país não se levantarem, não vai ter nada. E se levantar é romper com os ricos, temos que tirar os ricos do direito de continuarem mandando, na minha humilde forma de ver as coisas. Nós estamos vivendo num processo muito difícil de descrédito da esquerda, embora a direita esteja ajudando muito para que isso ocorra, como com toda essa perseguição do nosso ex-presidente Lula, prender ele de forma totalmente arbitrária, sem provas alguma... O que fica nítido que o problema não é corrupção, pois o Aécio está aí “de boa”, o Temer, Gedel, o Eduardo Azeredo (ex-governador do PSDB) foi condenado em segunda instância e está solto, então, temos que ver a seletividade que tem esse judiciário, que nunca foi progressista no Brasil. Um bando de branco das classes dominantes que não querem mudar nada. E uma parte desse descrédito da esquerda é porque gente de esquerda foi se aliar a esses que sempre estiveram contra o povo. Isso é verdade, 12 ou 13 anos de governo e uma aliança que foi boa? Foi, teve coisa legal, migalhas para os pobres, cotas (o que foi muito importante), ProUni e ReUni foram bons, Minha Casa Minha Vida também. Mas como que foi para destruir isso aí? Temer entrou num golpe institucional, sem precisar de tanque, e no primeiro ano já arrebenta com praticamente tudo: cria

a PEC que congela os investimentos por 20 anos... Então, essa aliança mostrou que não é o caminho.

“O que tinha que ter sido feito Léo”? Não tenho a fórmula, é difícil mesmo. Ser esquerda nunca vai ser fácil, tomar o poder não vai ser, não tem meio caminho. “Ah, o PT ganharia em 2002?” Provavelmente não, mas ganharia quatro anos depois. E se não ganhar, beleza, vamos para o enfrentamento. Para o nosso modo de ver, não é possível ter democracia se não quebrar o 1%, os ricos, os super ricos, os donos dos meios de produção do Brasil, aqueles que são mais ricos que os outros 99%. Se não quebrar isso, nenhum projeto político de libertação será possível no Brasil. Ir para o enfrentamento com essa turma vai ter golpe, vai ter exército, o “pau vai quebrar”. No meu modo de ver, não existe forma de ter democracia para a maioria no Brasil, porque quando fala democracia não é para todo mundo. A super concentração que o Marx falou lá atrás se confirmou cabalmente quando a ONG Oxford, há três anos, indicou que 1% da população é mais rica que os 99%; Marx falou isso lá atrás. E a tendência no próximo período é barbárie, guerra, fome e não estou aqui sendo porta-voz da desgraça não, é só olhar o que está acontecendo.

“E não tem nada de positivo?” Tem muita coisa importante, muito movimento novo. O MLB a gente considera que está no meio dessa turma nova; movimentos, organizações, coletivos. A universidade é um exemplo disso, cheio de coletivos novos se organizando, ainda meio perdidos, isso é um problema da esquerda nova. O que é importante: há um movimento contra isso que está acontecendo, contra o golpe institucional, contra a fascistação, existe um processo de resistência, extremamente disperso e desorganizado, mas existe. Isso para nós é extremamente importante, porque tem uma vontade de fazer algo, de tentar mudar. E esse histórico que é social – que a gente chama de social-democracia – que é essa turma do PT, PCdoB, qual é o grande legado negativo que eles nos trazem? Uma domesticação dos movimentos sindicais, populares, de não ir para o enfrentamento. Eu vou dar um último exemplo do que eu quero dizer sobre o que é esse enfrentamento: o Brizola. O Brizola, pouca gente sabe disso, houve um processo quando o João Goulart era para assumir, em 1962, e os militares não queriam deixar ele assumir porque diziam que era comunista, de esquerda e tudo mais. Começa a pressão e o que o então Governador do Rio Grande do Sul, Brizola, faz: convoca um negócio chamado “campanha da legalidade”. Uma rádio do estado começa a chamar o povo para a resistência, e não só isso, a rádio chamou os movimentos populares da periferia e chamou os trabalhadores para a resistência; convocou a brigada militar, sob comando do governador, e começou a distribuir arma para o povo, para o povo resistir e convoca a resistência armada utilizando a institucionalidade. Ele usou o Governo do Estado, não usou outra coisa, usou o Governo burguês para organizar o povo para resistir a um golpe. O comando militar do sul disse “bombardeiem o Palácio Piratininga”, só que esqueceu de combinar com os sargentos que pilotavam os aviões que disseram que não iriam se voltar contra o Brizola e contra o povo, pois tinha cem mil pessoas na praça do Piratininga. E o que aconteceu? O comando geral do exército teve

que recuar do golpe e o golpe não aconteceu em 1962; e o João Goulart assumiu. Isso tudo eu estou falando dentro da institucionalidade burguesa. Hoje, os parlamentares são um bando – assim, têm exceções, não generalizo o que estou falando – mas os parlamentares, hoje, em sua maioria, mesmo os que se dizem de esquerda, são um bando de conciliadores; vou dizer outra palavra para me referir a eles, são um bando de “merda”. Não fazem o uso daquela “merda” daqueles mandatos que eles têm para ir para o enfrentamento contra esse Estado que está aí. Essa institucionalidade é importante para se usar para quebrar isso e não concordar com isso. E o que eu me refiro a “isso”? A Dilma, no meu modo de ver – não é a Dilma enquanto pessoa e mulher, porque eu acho que é uma guerreira, enfrentou um processo cabuloso, um machismo, uma misoginia para poder tirar ela, não foi só um golpe político, mas também foi misógeno, anti-mulher e para mostrar assim “mulher não pode governar” – mas a questão principal: eu acho que ela não tinha que ter saído do Governo, mande o exército tirar, pronto. Não saia, convoque a resistência, se é golpe, vai sair? Vamos resistir, vamos “pro pau”. O PT e PCdoB, esses grupos, a esquerda do Congresso Nacional tem sempre poucos parlamentares, se cada parlamentar desses botasse dez pessoas para dentro do Congresso e ocupasse, criasse tensão, botasse pra f... mesmo. O que eles tinham a perder? E por que não se faz isso? Está domesticado, não adianta, não existe possibilidade de alteração. No meu humilde modo de ver, quem sou eu para falar do Lula, eu fui na Faculdade de Direito para falar de conjuntura e falei isso “quem sou eu, sou Leonardo Péricles, quem sou eu perto do Lula”, a maior liderança do Brasil. Se ele fosse numa praça aqui iria juntar milhares de pessoas, ele é a tradução de um processo histórico, é a maior liderança e o segundo eu nem sei quem é, mas está muito longe do primeiro. Eu acho que ele não tinha que ter se entregado, ele preso lá [no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC] não iriam tirar ele de lá, eu luto para tirar também, eu nem votaria no Lula no primeiro turno, no segundo, vendo que a situação está grave e não tendo outro jeito eu votaria, beleza. Mas o direito dele de ser candidato, de estar livre... É um absurdo o que está acontecendo, de um fascismo impressionante, um cara igual ao Lula estar preso. Se eu fosse ele, eu não me entregaria, ainda mais com aquela multidão na porta... Que estrutura militar, que planejamento militar que entraria ali no meio? Não existe nenhuma força policial que enfrentaria aquela multidão para entrar no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC histórico para retirar o ex-presidente Lula ali de dentro, não tiravam. E se ele usa a internet, começasse a convocar a resistência, o “pau ia quebrar”... O problema é esse, essa turma não quer isso. Qual o grande problema do Lula lá, essa domesticação, esse negócio de “eu acredito na democracia”, que p... de democracia? Que tirou a presidenta do partido dele sem ter cometido crime nenhum? Que possibilidade de alteração tem? O que estou falando, assim, quando você faz uma pergunta dessa, é muito complexo, porque o enfrentamento é aí. Por que estamos montando a UP [União Popular]? Porque a gente acredita que tem que ter um partido para fazer isso, não vai resolver tudo não, não somos salvação, mas é para dar esse exemplo que nós temos que ir pra luta. Eu

não tomaria esse prédio aqui conversando, não tem jeito, eu vou tomar “na marra”, é a maioria que manda, é o coletivo que decide e é assim que tem que ser na bolha institucional. Se não for assim, não serve para nada o parlamentar e por isso que o povo está descrente, olha e pensa “o que isso vai mudar na minha vida?”, todo mundo ia votar no Lula, legal, mas por que não foram milhões de pessoas para a rua então? Porque era pra ter ido... Igual foi na Venezuela quando era pra prender o Chaves. Por causa disso, dessa conciliação de classes, é um negócio que não trabalha para mudar.

“Quer dizer, então, que a UP que vai resolver?” Não sei, eu não tenho como dizer. Agora, que aquilo que foi feito não vai resolver, disso nós temos certeza, e o que pode resolver é o enfrentamento. Agora como vai se dar a capacidade de organização dessas forças? Porque qualquer enfrentamento desses vai ser um trabalho de unidade, de uma esquerda imensa, de muita gente... Não vai ser um partido, vai ser uma articulação gigante, mas com um propósito: o enfrentamento diante do que está aí, essa elite branca, racista, burguesa, reacionária, anti-povo, que domina desde sempre. É a mesma elite que invadiu o Brasil e matou nossos irmãos indígenas. Nunca houve um processo revolucionário que tirasse essa elite do poder. Então, não tem outro jeito no nosso modo de ver. É isso.

TP: *Na última pergunta queria que você falasse um pouco sobre essa dicotomia que sempre é acionada para criminalizar as ocupações entre direito à propriedade e direito à moradia.*

LP: Ótima pergunta. Entra muito desse contexto que estou falando. Ao contrário do que muita gente acha, a propriedade não é absoluta, porque a gente está numa sociedade capitalista e o modo de pensar da classe dominante vai valer até para o pobre. Muito pobre vai pensar que na casa dele ele pode fazer o que quiser, e não pode fazer o que quiser. A questão central da propriedade, em nossa opinião, não é o pequeno, é o grande, nosso grande problema é histórico. Por que como as classes dominantes trabalham? Elas são espertas: elas tentam passar uma ideia de que todo mundo é proprietário, inclusive os pobres. Então os pobres têm a casa deles e, “cuidado, daqui a uns dias eles vão invadir suas casas”; a classe média, “cuidado, vocês ficam apoiando eles, daqui a uns dias estão ocupando seu apartamento”; isso é uma coisa de uma imbecilidade, de uma idiotice... Mas que infelizmente ganha seus comuns, nós nunca vamos ocupar o apartamento de ninguém. Fui num programa de TV, olhei para a câmera e falei “olha, não quero seu apartamento, sua casa”. Nós queremos é grande propriedade, essa que é o problema. Movimento Sem Teto, histórico, Movimento Sem Terra, histórico, lutam contra a grande propriedade, o pequeno e o médio são avaliados, mas a chance de ele virar sem teto é muito maior do que a chance de ele virar proprietário. Até o cara da classe média, a chance de virar sem teto ou virar rico, olha, 90% ou mais, sei lá, de virar sem teto. Então, a grande propriedade é que é o problema. Por exemplo, se esse prédio tivesse todo ocupado e só tivesse um andar, ocupar um andar com 200 famílias? O que eu vou fazer com esse um andar? Se tiver usando, ótimo. Por que a gente ocupou? Porque

só tem a lotérica lá embaixo e as antenas dos grupos de telefonia e 17 andares abandonados, sem cumprir função social, latifúndio vertical, esse nós ocupamos. Vamos ocupar o quintal da Dona Maria? Fazer o que com o quintal?! Então, sabe essas propagandas, elas são idiotas, elas não se sustentam, mas a gente não tem os meios de comunicação para falar isso. Essa é a questão. E mesmo esse proprietário dessas grandes terras, boa parte tem terra grilada; por exemplo, terreno que tem no Barreiro era do Estado, foram grilados, era para construir empresa e não aconteceu nada. Então, a parada é boa parte é grilada. Mesmo que o cara teve algum processo e comprou, ele não pode manter aquele espaço abandonado sem função social, porque a Constituição que previa direito absoluto à propriedade era a Constituição do Império, a do início do Séc. XX. Era isso: latifundiários que decidiam a maioria com votos de cabresto. A Constituição de 1988 garante a função social da terra, e não é só isso não, o Estatuto da Cidade, da época do Fernando Henrique Cardoso aprovado em 2001, prevê adequação da função social. Os "Instrumentos de política urbana", que é o nome do negócio que tem que ser aplicado nos municípios através do Plano Diretor. Os Planos Diretores nos municípios têm que estar voltados para entender a cidade a partir da necessidade da maioria, era para ser assim, e se os prefeitos do Brasil aplicassem, não existiria sem tetos. Eles iam pegar esses prédios e começar a taxar progressivamente, a Prefeitura pode desapropriar o espaço. Agora, qual prefeito fez isso ou faz isso? Aí entra o que eu estava falando das classes dominantes, os prefeitos são financiados por esses grupos. Por isso eu falo que não tem condição de quebrar isso sem enfrentamento, não dá porque eles mandam e não fazem. Estamos aqui em Belo Horizonte, Alexandre Kalil: "Governar para quem precisa", tem um ano e cinco meses de gestão e não tem Política Habitacional até hoje. Tem técnico bom, tem gente que está lá dentro da Prefeitura pensando, coisa muito legal, inclusive a gente tem contato, e não tem nada. E a última coisa, o grande problema da moradia no Brasil não é de construir moradia nova. Qual o erro do "Minha Casa Minha Vida", um dos erros, na minha opinião? Esse de sair construindo... O problema não é construir, o problema é que eles não queriam enfrentar a especulação imobiliária. O grande problema do Brasil é não aproveitar o que está pronto, a oferta do que está construído é muito maior do que de gente que precisa de moradia. Se você pegar Belo Horizonte e usar tudo o que tem construído, praticamente, resolveria o problema; se você pegar a região metropolitana, então, você resolve o problema todo, vai sobrar espaço vazio. Prédios iguais a esse, construções inacabadas, um monte de coisa que poderia ser levada para uma habitação de interesse social, que é o nome, habitação para família pobre, de baixa renda, inclusive no Centro. Por que não? Porque aqui é valorizado, porque há especulação imobiliária, projeto e não deixam. E tem um monte de outros prédios aqui na área central. É isso.

TP: Bom, Léo, muito obrigado pelo papo, foi uma verdadeira aula para nós. E em breve, esta entrevista estará no nosso Dossiê "Ocupações", da Revista Três Pontos. E assim que estiver pronto, a gente te manda.

LP: Com certeza, por favor, será um prazer.